



AS EMOÇÕES E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM INFANTIL

SANTOS, Camila Cristina Costa dos¹

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

MARTNIUK, Viviane Cristina²

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

RESUMO

Este estudo objetiva apresentar uma reflexão sobre a importância das emoções na vida estudantil, com ênfase na influência destas emoções na aprendizagem infantil, bem como demonstrar que a subjugação das emoções na infância pode ser um obstáculo no desenvolvimento da criança, tanto cognitivo quanto em sala de aula. Ressalta-se ainda que o presente estudo foi elaborado a partir de uma revisão bibliográfica. Os resultados da análise apontaram que as emoções pertencem a um campo de estudo essencial na Psicopedagogia, evidenciando-se que da mesma forma que determinados sentimentos “positivos” existem e auxiliam nesse processo, não é incomum que emoções “negativas” também permeiem o mesmo ambiente, tornando-se obstáculos na aprendizagem, observando também como a falta de apoio psicológico pode afetar os infantes especialmente em vista da pandemia do COVID-19.

Palavras Chave: Psicopedagogia; Inteligência Emocional; Cognição; Pedagogia; Educação.

ABSTRACT

Emotions belong to an essential field of study in Psychopedagogy, so this article aims to address the aspects, benefits and issues of these emotions, briefly discussing their sociological and biological contexts, but focusing specifically on their important role in childhood and early life student of a child, as well as in the functioning of this role for cognitive development in the classroom, but always with the understanding that just as certain "positive" feelings exist and help in this process, it is not uncommon that "negative" emotions also permeate the same environment, becoming obstacles to learning, also noting how the lack of psychological support can affect infants, especially in view of the COVID-19 pandemic.

Key Words: Psychopedagogy; Emotional Intelligence; Cognition; Pedagogy; Education.

1. INTRODUÇÃO

Existe a crença que, há um alicerce permanente e imortal que direciona todas as relações humanas, este supostamente interfere em decisões e objetivos, desenvolve o ser enquanto componente da sociedade, seguindo em diversas direções como pessoa: a ética, a moralidade, o amor, o ódio, o rancor, o crescimento e o intelecto, entre outras essências que perduram dentro do homem.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia do 4º ano – FAIT. E-mail: camilaasantos30@gmail.com

² Mestre pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP; – Professora nos cursos de Administração, Pedagogia e Psicologia da FAIT. E-mail: vicma.prof@gmail.com

As emoções presentes no ser humano desde o dia de seu nascimento até o fim de suas vidas, desenvolvidas de diferentes formas e em diferentes épocas, se expandindo ou retraindo dentro dos corações humanos. Do desprezo à fraternidade, do amor ao ódio, as emoções guiam os corpos e mentes e não apenas os corações, de maneira inextinguível, mas particularmente orientam as ações e reações quanto às outras pessoas, estas últimas sendo também fontes infindáveis de sentimentos e emoções e é imprescindível que se possa conviver com esta força interna e completamente humana para que haja harmonia em sociedade, mas mais importante, harmonia dentro de cada um.

De acordo com Aristóteles, o indivíduo que possui virtuosidade necessita do equilíbrio entre a natureza, que qualifica sua alma bem como seu corpo; dos costumes, que são responsáveis por desenvolver as qualidades naturais, o direcionando para o bem ou para o mal; e a razão, exclusividade do ser humano.

A mediação e controle de algo, tão ancestral, é complexo até mesmo para pessoas no auge de sua maturidade, logo não seria diferente para as crianças, infantes na mais tenra idade que sentem da mesma forma que os adultos e, não obstante, ainda estão descobrindo a existência de suas emoções, gradativamente as desenvolvendo dentro de si e as equilibrando entre os âmbitos de sua vida e todos que ali estão.

Portanto, este artigo tem por objetivo demonstrar que a subjugação das emoções na infância pode ser um obstáculo no seu desenvolvimento, tanto cognitivo quanto em sala de aula, e também dimensionar a importância das emoções na vida estudantil, do início ao fim, com foco principal na educação infantil, logo, será apresentado neste artigo algumas noções introdutórias sobre as emoções, adentra-se também em uma perspectiva histórica para estruturação das mesmas aplicadas à educação, desenvolvendo o início da infância no âmbito escolar e, sucintamente, a descoberta de emoções iniciais da vida, também como sentimentos negativos que, muitas vezes não são discutidos e que podem sim permear as crianças e jovens, obstruindo seus caminhos acadêmicos.

A pesquisa do trabalho se deu por revisão bibliográfica de artigos científicos, arquivos de instituições e material estudantil de psicopedagogia.

A importância deste trabalho se dá, pois, discorrer sobre emoções, tanto as dadas como “negativas” quanto as “positivas” é essencial para que as informações possam ser disseminadas e para que educadores, pais e alunos possam estar conscientes de possíveis situações, logo que a consciência dos sentimentos e emoções que existem é o que permite se

trabalhar com eles, harmonizá-los em conjunto com elementos externos e empregá-los da melhor maneira possível.

2. CONCEITO DE EMOÇÃO

A emoção, etimologicamente, é oriunda do latim *movere*, indicação de movimento junto ao prefixo e- acrescentando o sentido de “afastamento”. Logo, a emoção está diretamente ligada ao movimento de afastar-se, impulsionar-se e atitudes para agir. Essa definição básica também se correlaciona com a autopreservação natural dos humanos, uma necessidade biológica e emocional. A evolução, neste caso, preservou a impulsividade atrelada irrevogavelmente às emoções ao mesmo tempo que a refinou para outros níveis de utilização. Essa alteração repercutiu ao longo do desenvolvimento biológico para as atitudes comportamentais do ser humano. Foi além do instinto de sobrevivência ancestral – o impulso de luta ou fuga pra viver – para um espelhamento das emoções no dia a dia e na personificação do indivíduo de acordo com o perfil/tendência que existe dentro dele (DELGADO, 1971).

Segundo Delgado (1971, p. 17):

Às emoções são despertadas por estimulações sensoriais ou pela recordação de experiências previamente acumuladas que podem ser reconhecidas pessoalmente por meio de introspecção, ou objetivamente, pela observação de manifestações externas, devido à repetição de padrões típicos de respostas.

A manifestação desses sentimentos e emoções, segundo o autor supracitado, são involuntárias e quase incontroláveis, incitadas por algum fator e elucidadas pelo cérebro a partir de sua interpretação. Essas respostas não são somente reações fisiológicas, mas também expressivas e comportamentais e, como dito, impossíveis de serem impedidas logo que é um processo biológico e neurológico. Podem ser disfarçadas por indivíduos mais habilidosos e atentos a esse aspecto, mas acontecem independentemente.

Por essa relação involuntária, pode-se desenvolver o entendimento que é prejudicial sentir alguns tipos de emoções, como a ansiedade, medo ou raiva, sentimentos comuns a todas as pessoas, mas que certamente seriam extinguidos por elas se pudessem optar. No entanto, não existem emoções positivas ou negativas. A sensação que elas repercutem podem não ser agradáveis, mas são as respostas que se toma por meio delas através do comportamento é que podem ser positivas ou negativas (GOLEMAN, 1995).



[...] cada emoção pode ser demonstrada de forma construtiva ou destrutiva. Para ter uma escolha de como uma emoção será expressa, é necessário estar ciente da emoção enquanto ela surge, ‘fagulha antes da chama’ ou, o impulso antes da ação. Então, se houver o conhecimento, na consciência, que a emoção está surgindo, a pessoa deve ser capaz de ajustar em que grau e como reagirá. (LAMA; EKMAN, 2008, p. 51).

Já os sentimentos, de acordo com Delgado (1971), diferem das emoções, uma vez que estes só podem ser percebidos em momentos de introspecção e só podem ser expressados por meio da verbalização dos mesmos. Quando o indivíduo tem uma reação a um tipo de emoção, pode ser percebido exteriormente de forma espontânea. Quando se trata de um sentimento, no entanto, só pode ser demonstrado com a permissão do indivíduo que o sente, logo que são pensamentos que o estruturam, tornando-o consciente e não espontâneo.

É no conjunto das emoções e sentimentos que se orientam a formação das relações humanas, tanto os relacionamentos que o indivíduo estabelece com outros – interpessoal – quanto a relação que o indivíduo estabelece consigo mesmo – intrapessoal. Portanto, apreender inteligentemente essas relações e compreender suas estruturas humanas de forma consciente é essencial para que os empreendimentos de uma pessoa – na vida social, pessoal, profissional – possam funcionar com totalidade de forma utilitária e plena. Para Buber (1977, p. 147), “[...] Tomar conhecimento íntimo de uma coisa ou de um ser, significa, em geral, experiencial como uma totalidade e, contudo, ao mesmo tempo, sem abstrações que o reduzem, experienciá-lo em toda a sua concretude.”

É neste seguimento que o desenvolvimento relacional e emocional na Educação deve ser direcionado. Mais do que o controle sobre suas emoções e sentimentos, é importante estar consciente deles. Não pode se impedir de sentir, mas pode selecionar – enquanto consciente – como vai reagir a eles e, ainda mais importante, como vai empregá-los (GOTTMAN, 1997).

2.1. Historicidade – introdução do cuidado emocional na educação

É de amplo conhecimento que as necessidades físicas nos seres humanos já deixaram de ser os únicos fatores determinantes para que um adulto seja considerado funcional, habilidoso ou promissor. Este, apesar de parecer inacreditável nos dias atuais, foi o senso comum por muito tempo – particularmente durante a Segunda Revolução Industrial –, época em que as pessoas mediam os valores – até mesmo em si próprios – através de sua mobilidade, força corporal e resistência física, dando atenção exclusivamente para os

cuidados ao corpo, logo que estes os capacitariam para o trabalho os validando para a vida em sociedade (NASCIMENTO, 2006).

Para Santos (2020, p. 53) o trabalho: “provê o indivíduo e dá-lhe um lugar de significação, sentido, permanência e renúncia. A última é dolorosa, mas não está atrelada somente ao trabalho, está na amplitude da estrutura da vida em sociedade, faz parte do homem.” Essa preocupação específica deixava diversas outras carências mentais e emocionais em segundo plano, sendo consideradas pouco importantes e, até mesmo, inofensivas, mesmo quando alcançavam ápices destrutivos na vida dos indivíduos.

Foi no século XX, que essas ideias foram gradativamente se alterando, com grandes estudiosos abordando o assunto, inicialmente de forma superficial, mas aprofundando e desenvolvendo com o tempo. A partir disso, foi se expondo para a massa, aos poucos, a importância do cuidado com sua saúde mental e a consolidação da saúde emocional – um setor extremamente subjugado – em cada indivíduo. Não obstante, essas questões se tornaram fundamentais e, através dos anos, estudiosos e professores pioneiros basearam trabalhos importantes em uma necessidade recém exposta: a influência que emoções “positivas” e “negativas” podem ter no processo de aprendizagem das pessoas e como a manutenção da saúde mental – que está ligada intrinsecamente às emoções – é importante para bons resultados, tanto na vida pessoal quanto na acadêmica (NASCIMENTO, 2006; TOUGH, 2014).

Nesse sentido, o primeiro grande e significativo passo, segundo Reifler (1969), aconteceu nos Estados Unidos, no ano de 1910, quando um programa formal de saúde mental foi planejado e instituído pelo Dr. Stuart Paiton dentro da renomada Universidade de Princeton.

Com atenção especial permanecendo voltada à educação universitária e saúde mental desses estudantes, essa necessidade foi tomando forma dentro das universidades europeias e norte-americanas, pioneiras na área. Em 1920, mais um estudioso do mesmo seguimento, Dr. F. E. Williams, debatia sobre os problemas emocionais que eram gradativamente adquiridos pelos alunos quando adentravam na vida adulta. “As universidades, cuja função é trabalhar com a mente dos estudantes, ainda prestam pouca atenção à saúde mental dos mesmos (...)” (REIFLER, 1969).

O conceito foi disseminado através de palestras e grandes assembleias estudantis. Segundo Farnsworth (1967), a Universidade do Wisconsin (EUA) inaugurou em 1914 um

atendimento específico para saúde mental e emocional dos universitários que foi mantido até 1924. Outras universidades americanas – Vassar, Yale, Washburn College, Dartmouth – seguiram seu exemplo, instituindo serviços de todos os tipos de atendimento em diferentes modelagens para suporte emocional do corpo discente presente nas dependências escolares que duram até hoje, em uma escala muito maior dada à expansividade da importância que a sociedade atualmente aplica à saúde mental e emocional de estudantes.

[...] Penso num (termo) com apreço ao aprendiz, a seus sentimentos, suas opiniões, sua pessoa. [...] pode aceitar, inteiramente, o temor e a hesitação do aluno, quando este se acerca de um novo problema, tanto quanto sua satisfação ao ter êxito [...] Pode aceitar sentimentos pessoais que, a um tempo, perturbam ou promovem a aprendizagem – rivalidade com um companheiro, aversão à autoridade, interesse por sua própria adaptação. O que estamos descrevendo é o apreço pelo aprendiz como um ser humano imperfeito, dotado de muitos sentimentos, de muitas potencialidades. (ROGERS; ROSENBERG, 1973, p. 109).

Infelizmente, esse cuidado foi apenas delegado para as universidades e, posteriormente, ao ensino médio e anos finais do ensino fundamental, por serem considerados de grande pressão ao estudante. De fato, são períodos de transição entre a adolescência e vida adulta, com diversas mudanças corporais e sociais e demandam maior cuidado emocional, no entanto, pouca atenção foi dada aos primeiros anos estudantis (ROGERS; ROSENBERG, 1973).

A educação infantil também merece maior consciência, logo que o cuidado emocional é uma necessidade estrutural, que deveria se iniciar na tenra infância, dando uma base firme para todos os anos posteriores. Também deve-se levar em conta que, geralmente, os problemas na aprendizagem que uma criança apresenta provavelmente estão relacionados à alguma questão emocional ou social, advinda da família ou do meio que a cerca, tanto dentro quanto fora da escola (SANTOS, 2000).

2.2. Desenvolvimento emocional e relacional no âmbito escolar infantil

Para Mota (2010), cuidar para que as crianças cresçam felizes e saudáveis, com igualdade, suas necessidades básicas supridas e com oportunidades de desenvolvimento social, não é incumbência apenas de um órgão responsável, mas sim de uma rede coletiva – família, sociedade e Estado – trabalhando em conjunto para fornecer apoio integral e humanização através de abordagens extensas e conscientes. Esse conceito é o alicerce do

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado há 30 anos para empregar esse ideal e melhorar a qualidade de vida das crianças brasileiras.

Quando se diz que a criança é prioridade absoluta, significa que ela precisa ser protegida na integralidade dos seus direitos e tenha seu direito a infância respeitado. Para isso, devemos todos estar em obediência efetiva e real ao ECA, num pacto social, pois a própria lei é a prevenção e a promoção da saúde mental e emocional de uma criança (MASCARENHAS, 2020).

Nisso se incluem a oportunidade de aprendizagem, sua estrutura digna e seu recursos, todos atrelados juntos com totalidade. É neste processo que se pode observar como o comportamento emocional está diretamente ligado aos resultados que o estudante vai obter corriqueiramente e a longo prazo, na escola, tanto positivos quanto negativos (MASCARENHAS, 2020).

O artigo 29, da lei de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

É logo no início da vida estudantil que a criança, recém introduzida no âmbito escolar e, pela primeira vez, ficando mais tempo fora de sua zona de conforto – sua casa e sua família – entra em um dos estágios mais importantes para seu desenvolvimento emocional. Entre 3 a 6 anos, ele se percebe como um ser individual com suas próprias necessidades, mas também consegue enxergar através da convivência com outras crianças como ele, em sala de aula, que existem outros seres individuais com suas vontades independentes (JESUS; SCORALICK, 2015).

Nem sempre são confrontos fáceis de, enquanto infante, entender. Sentenças como “é meu” ou “eu quero”, muito verbalizadas na primeira infância demarcam muito do egocentrismo natural desse estágio, onde a criança sente a necessidade de proteger a sua individualidade, coisa que em alguns lares não tiveram nenhum problema em expressar – situação muito comum para filhos únicos, por exemplo. A convivência com as outras crianças é um dos aspectos mais importantes nestes casos para o desenvolvimento do respeito e do autocontrole de suas emoções (SANTOS, 2000).



Em nenhuma outra situação, a criança tem tanta chance de desenvolver técnicas de regular suas emoções quanto em seus relacionamentos com os colegas. É aí que ela aprende a se comunicar com clareza, a trocar informações e a esclarecer mal entendidos. Aprende a ceder a vez de falar e brincar. Aprende a compartilhar. Aprende a aceitar as regras para suas brincadeiras, a ter conflitos e a resolvê-los. Aprende a compreender os sentimentos, as vontades e os desejos do outro. (GOTTMAN, 1997, p. 202).

O educador também desempenha um dos papéis principais, tendo que ser mediador entre as partes durante esses conflitos, verbalizando e exemplificando porquê o respeito mútuo deve existir e auxiliando para que regulação inicial das emoções da criança possa acontecer. A educação e o profissional que a emprega na escola são os principais fatores neste momento para que o aluno entenda seu lugar na sala de aula e possa compreender e controlar suas emoções e sentimentos para que não reflita negativamente em sua sociabilidade, logo que é também nesse momento que as crianças irão desenvolver o conceito de amizade, formando laços e resolvendo conflitos através da parceria (MOTA, 2010).

A amizade toma um grande espaço na vida do aluno, tornando-se um aspecto de grande importância, no entanto, segundo Gottman (1997), a criança ainda não tem a capacidade de administrar vários amigos, por isso acaba sendo comum que algumas crianças em determinadas brincadeiras sejam “rejeitadas”, mesmo sem motivos aparentes. Não significa que o indivíduo está objetivando criar inimizade com os colegas, mas sim que já está se conectando emocionalmente com outra criança através da brincadeira e não quer interromper o momento. Nestes casos, o educador deverá tentar compreender o que está acontecendo e ensinar à criança que está rejeitando, conceitos muito importantes como bondade e compaixão, assim como empatia, de formas simples, para que ela entenda que se sentiria mal se rejeitada e que não o faça novamente.

As dramatizações e fantasias são muito comuns nessa parte da vida, logo que ajudam as crianças a lidarem com seus medos e suas inseguranças. Nessa época, esses medos geralmente se baseiam em pesadelos, abandono, escuro, impotência, solidão e a morte. O educador pode incentivar as dramatizações, prestando atenção nas qualidades dos alunos, enxergando ali também seus pontos fortes e fracos e quais temas ele pode trabalhar em sala de aula para atenuar esses medos e preocupações, otimizando a aprendizagem não somente de um aluno, mas também de todos em sala de aula (GOTTMAN, 1997).

Para os anos seguintes, as emoções ficam mais complexas e mais difíceis de lidar. Os sentimentos negativos podem aumentar gradativamente de acordo com o entendimento e

situação individual do estudante, podendo inspirar todo tipo de emoção que acaba se tornando um obstáculo para a aprendizagem quando não controlado adequadamente. Consoante a Goleman (1995), a ausência de autocontrole pode resvalar para atitudes belicosas e preocupantes, podem gerar futura delinquência.

No Brasil, a situação atual inspira preocupação. Em um levantamento feito em 2018 pelo Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (PISA) demonstra que os estudantes brasileiros estão entre os mais tensos e ansiosos, sendo 56% dos entrevistados a relatarem o problema. O Brasil ocupa o segundo lugar no ranking dos estudantes ansiosos para provas e exames, mesmo com preparação e estudo prévios. É com excesso de atividades e a pressão, muitas vezes, por parte dos pais, que alunos de todas as idades desenvolvem a quase desconhecida síndrome de Burnout (SANTOS, 2020).

A onda de desânimo nas escolas brasileiras pode ser culpa da síndrome de Burnout, caracterizada pelos esgotamentos do estudante, tanto físico quanto mental. Ilustrada pelo pavio de uma vela que queima até o final, o nome da síndrome vem do inglês *to burn out* que significa “queimar por inteiro”. Infelizmente, estudantes com tal esgotamento não são incomuns, principalmente nos atuais tempos de pandemia. Escolas e professores, pegos de surpresa pela condição inesperada, trabalharam com os poucos recursos que tinham em mãos, redobrando tarefas, trabalhos e atividades em casa, o que não é sinônimo de aprendizagem. Valendo lembrar que os alunos também não esperavam e a grande maioria jamais teve a experiência com ensino a distância, se encontrando desorientados e cheios de dúvidas, também privados de qualquer atividade externa de lazer (SANTOS, 2020).

Entre seus principais sintomas estão: acordar cansado (mesmo depois de ter dormido a noite inteira), desânimo, isolamento, falta de ânimo para coisas simples (como comer ou conversar), negativismo e dores de cabeça. Ansiedade terrível antes de provas e exames, nervosismo a ponto de chorar ou se machucar (quando não alcançado médias esperadas), também são realidades presentes para esses indivíduos. Quando não tratada corretamente, pode se desenvolver e chegar ao seu ápice como um estágio inicial de depressão (HAHN; FERRAZ; GIGLIO, 1999).

Outra realidade pouco conhecida e que, geralmente, atinge crianças mais novas é a depressão infantil. Estando cada vez maior por conta do isolamento social e fechamento das escolas, a depressão infantil pode ser confundida com malcriação, teimosia ou pirraça, portanto seu diagnóstico precoce – por parte dos pais ou dos educadores – é muito mais

complicado que a depressão dos jovens e adultos. O que difere a depressão infantil de simples mudanças de humor é a intensidade e persistência das alterações comportamentais, podendo levar em conta também situações externas da criança, como condição familiar e social (ALMEIDA, SILVA JUNIOR, 2021).

Muitas vezes, crianças que estão sofrendo abuso físico e psicológico de todos os tipos desenvolvem sentimentos depressivos com muita facilidade, por conta de estarem sob uma situação de grande gravidade e que, na maior parte dos casos, nem mesmo conseguem entender com completude. O transtorno também pode se manifestar de forma mais explícita após uma situação traumática como a morte de um familiar, mudança de cidade ou separação dos pais (ALMEIDA, SILVA JUNIOR, 2021).

A ansiedade também pode ser incluída em um mal que não é exclusividade dos adultos. Como relatado na pesquisa realizada pelo PISA, atinge boa parte dos estudantes brasileiros. As provas e a pressão, as atividades escolares, bullying e situações estressantes podem ser potencializadores, particularmente para indivíduos que já tem uma pré-disposição. Tensão, dores de cabeça e de estômago, excesso de partículas sudoríferas, dificuldade de interação com adultos e colegas são os principais sintomas do transtorno que, à primeira vista, não parece muito prejudicial, mas pode ser extremamente destrutivo para o aluno que o sente, não somente na escola, mas também em sua vida pessoal, no âmbito familiar, em sua vida social (JESUS; FERRAZ; GIGLIO, 2015).

É importante ter em mente que o diagnóstico destes transtornos nas crianças é muito mais difícil do que em adultos, logo que os últimos o sentem e verbalizam suas queixas, estão informados dos sintomas e os identificam, os levando a buscar ajuda. Já as crianças se retraem por não compreender pelo que estão passando e os externalizam de maneiras diferentes, como dito, em mudanças comportamentais, falta de disposição, atitudes que usualmente não tomariam e, muitas vezes, com agressividade (TANZAWA; MARTINS; BRENZAN, 2012).

São a estes sinais que os pais e os profissionais da educação devem prestar a devida atenção, logo que refletem diretamente na atenção, disposição, frequência e desempenho da criança na sala de aula, para que possam alcançar todo o seu potencial e se desenvolver saudáveis e felizes, crescendo tanto no âmbito escolar quanto em sociedade, como pessoa humana (TANZAWA; MARTINS; BRENZAN; 2012).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que o tema principal aqui discutido – as emoções humanas e sua interferência na aprendizagem – alça significações muito maiores do que unicamente a educação na sala de aula, mas também a relação da criança com o educador, com seus colegas, com sua família, com seu crescimento estudantil e pessoal e, acima de tudo, sua relação consigo mesmo – provavelmente a mais difícil entre todas.

Todas as emoções e sentimentos que as crianças desenvolvem até sua vida adulta são originadas dentro de si, porém são moldadas por fatores externos a elas, fatores que nem sempre serão positivos ou agradáveis, que podem orientar o indivíduo por caminhos deletérios que a criança que existiu no início de sua vida jamais escolheria. É, portanto, um trabalho extremamente delicado aos profissionais da educação empregarem, uma responsabilidade enorme que milhões de educadores carregam todos os dias, mas que deveria sim ser compartilhado, logo que, como dito, a incumbência pelo bem estar físico, emocional e mental de uma criança é de uma rede de elementos e não de um apenas. A contratação de profissionais de saúde emocional e mental – como psicólogos – em instituições educacionais já são uma realidade, porém mínima. É essencial retirar-se o tabu de doenças mentais e adoecimentos emocionais, para que haja mais desenvolvimento das crianças e, particularmente, das crianças brasileiras, que já têm tanta obstrução em seu crescimento.

Nas atuais condições pandêmicas, onde a maior parte dos estudantes estão com suas respectivas famílias e estudando em casa, mesmo com todo o esforço da rede educacional, o déficit no aprendizado será incontável, logo que não é isolado. Todos os setores da vida do aluno foram atingidos, incluindo e principalmente seu emocional e sua saúde mental. Como unidade, deverão todos os elementos descritos anteriormente, após a melhora da atual situação, trabalharem para que se possa reavivar o espírito estudantil e as emoções mais “positivas” das crianças.

O educador, mais do que nunca, terá um grande papel nesta renovação, no convívio e na recuperação de alunos que, ao mesmo tempo, estão fartos do isolamento, mas também se acostumaram a ele. As emoções se tratam, como supracitado ao longo do trabalho, de ação e reação aos fatores externos, às emoções alheia que advém de outras pessoas. E o convívio com outras pessoas deverá ser reaprendido.

Acredita-se que várias emoções serão redescobertas nesse retorno, desde a mais tenra infância até à maturidade e espera-se que elas sejam a empatia, o amor, a unificação e a perseverança, não somente para as crianças, mas para todos.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Isadora Maria Gomes; SILVA JÚNIOR, Auvani Antunes da. Os impactos biopsicossociais sofridos pela população infantil durante a pandemia do COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. 21-31, fev., 2021.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 13 ago. 2021

BUBER, Martin. **Eu e Tu**, Nova York, 1977.

DELGADO, José Manuel Rodríguez. **Emoções**, Universidade de Yale, New Haven, 1971.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: A Teoria Revolucionária que redefine. O Que É Ser Inteligente**, Califórnia, 1995.

GOTTMAN, John. **Inteligência Emocional e a Arte de Educar Nossos Filhos**, EUA, 1997.

HAHN, Michelle Selma, FERRAZ, Marcos, GIGLIO, Joel Sales.

A Saúde Mental do Estudante Universitário: Sua história ao longo do século XX, Revista Brasileira de Educação Médica, v.23, n.2-3, dez. 1999.

JESUS, Rosa Maria, SCORALICK, Natália. **Manifestações Emocionais das Crianças na Educação Infantil**, Revista Digital FAPAM, Pará de Minas, v.6, n.6, 309-325, dez. 2015.

LAMA, Dalai; EKMAN, Paul. **Emotional Awareness: Overcoming the Obstacles to Psychological Balance and Compassion**, 2008.

MASCARENHAS, Claudia. Precisamos falar de saúde mental e emocional na infância.

Entrevista concedida a Laís Barros Martins. Lunetas. 2020. Disponível em:

<https://lunetas.com.br/precisamos-falar-de-saude-mental-e-emocional-na-infancia/>. Acesso em: 25 de ago. de 2021.

MOTA, Ana Paula Fernandes da. **Desenvolvimento Emocional e Relacional na Educação Infantil: Implicações do PATHS e do ACE à Formação Humana da Criança e do Educador**, dissertação – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **A importância da Psicopedagogia na educação básica como paradigma de uma cidadania ativa do trabalho**, dissertação – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Balneário Camboriú, 2006.

REIFLER, C. B.. **College Psychiatric as Public Health Psychiatry**, *American Journal Psychiatry*, 124, p. 662-671, 1967.

ROGERS, Carl, ROSENBERG, Rachel. **A Pessoa Como Centro**, Inglaterra, 1973.

SANTOS, Rosineia Oliveira dos. **A relação homem-trabalho:** uma análise sobre o impacto na qualidade de vida. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, V.14, no 1, p. 50-72 TRI I 2020.

SANTOS, Jair de Oliveira. **Educação Emocional na Escola:** a emoção na sala de aula. 2a Ed. Salvador, 2000.

TANZAWA, Elaine, MARTINS, Júlia, BRENZAN, Sueli. **Psicopedagogia Institucional:** Passos para a atuação do Assessor Psicopedagógico, monografia – Instituto de Ensino Superior de Londrina, Londrina, 2012.

TOUGH, Paul. **Uma Questão de Caráter:** Porquê a Curiosidade e a Determinação Podem Ser Mais Importantes que a Inteligência. NY, Intrínseca, 2014.